

O Dia do Gafanhoto e outros textos

Nathanael West

Seleção de textos, tradução e notas
Alcebíades Diniz

CARAMBAIA

4

O Dia do Gafanhoto

246

Queimem as cidades

256

Três esquimós

260

Acordo comercial

268

O impostor

292

Garoto da Western Union

300

Algumas notas sobre a violência

304

Eurípides – Um dramaturgo

312

[ensaio] Um apocalipse cinematográfico

332

[notas e comentários]

O Dia do Gafanhoto

Para Laura

1.

Ao fim do expediente, Tod Hackett ouviu um grande ruído na rua do lado de fora de seu escritório. Era o gemido do couro misturado ao farfalhar do metal, quase soterrados pelo tamborilar de cascos, aos milhares. Correu para a janela.

Um batalhão de cavalaria e de infantaria estava de passagem. O aspecto geral era o de uma turba, as fileiras desfeitas e em desordem, como se retornassem de uma derrota terrível. Os dólmenes dos hussardos, as pesadas e luxuosas barretinas dos guardas, os leves cavalos hanoverianos, com suas achatadas proteções para a cabeça e fluidos penachos vermelhos, tudo estava densamente embaralhado nessa desordem trepidante. Atrás da cavalaria, vinha a infantaria, mar selvagem de *sabretaches* ondulantes, mosquetes inclinados, bandoleiras e caixas de cartuchos em movimento constante. Tod reconhecia a infantaria escarlata da Inglaterra com suas ombreiras brancas, a infantaria em trajes negros do duque de Brunswick, os granadeiros franceses com imensas perneiras, os escoceses de joelhos nus expostos abaixo das saias xadrez.

Enquanto observava, um pequeno sujeito gordo, trajando um chapéu de cortiça, camisa polo e bermudas largas, disparou pela esquina da construção, encetando a perseguição ao exército.

5

“No estúdio 9 – bastardos – estúdio 9!”, gritou através de um pequeno megafone.

A cavalaria empregou as esporas em seus cavalos e a infantaria adotou um ritmo de marcha mais breve. O homenzinho com chapéu de cortiça corria atrás da formação militar agitando os braços e praguejando.

Tod assistiu à cena até o desaparecimento de todos, atrás da metade de um barco a vapor do Mississippi, para logo depois colocar de lado o lápis e a prancheta de desenho e deixar o escritório. Na calçada do lado de fora do estúdio, permaneceu por algum tempo decidindo se deveria ir para casa a pé ou se pegaria um bonde. Estava em Hollywood havia menos de três meses e ainda percebia a eletricidade à flor da pele no local, mas sempre fora preguiçoso e detestava caminhar. Decidiu pegar o bonde até a Vine Street e seguir o resto do caminho a pé.

Um caçador de talentos do National Films trouxe Tod para a Costa Oeste após ver alguns de seus desenhos expostos em uma mostra de trabalhos estudantis da Escola de Belas Artes, em Yale. Contratou-o por telegrama. Se o caçador de talentos encontrasse Tod pessoalmente, o mais provável é que ele jamais fosse enviado para Hollywood para desenvolver suas habilidades na criação de cenários e figurinos. O corpo amplo e espalhado, olhos azuis lerdos e sorriso desmazelado faziam de Tod o arquétipo dos sem talento, algo próximo da pura e simples imbecilidade.

Sim, a despeito de sua aparência, tratava-se de um jovem bastante complicado, dotado de todo um

agrupamento de personalidades, cada uma delas dentro da outra, como um conjunto de caixas chinesas. Mas seria *O incêndio de Los Angeles*, a pintura que planejava realizar em breve, aquilo que provaria de fato seu talento.

Deixou o bonde na Vine Street. Ao caminhar pela via, pôde examinar a multidão que se aglomerava com a noite. Grande número de pessoas vestia-se de forma esportiva. Os suéteres, bermudas, paletós de flanela azul com botões de latão eram os trajes extravagantes do momento. Uma mulher balofa com boné de marinho fazia compras em vez de integrar a tripulação de um barco. O sujeito com um paletó estilo Norfolk e chapéu tirolês retornava de um escritório de seguros, não das montanhas. Uma garota vestida com calças curtas e uma bandana ao redor da cabeça acabava de sair de uma central telefônica, e não da quadra de tênis.

Dispersas em meio a tal mascarada, havia pessoas de um tipo diferente. As roupas que trajavam eram mais sóbrias e de corte horrível, provavelmente encomendadas dessas empresas de reembolso postal. Enquanto os outros se moviam com rapidez em direção a lojas e bares, esses tipos diferentes andavam à deriva por esquinas ou paravam, dando as costas às vitrines, para observar os passantes. Quando esse olhar era devolvido, os olhos deles se enchiam de ódio. Naquela época, Tod não conhecia muita coisa a respeito desses tipos em especial, a não ser que se dirigiam para a Califórnia com o objetivo explícito de morrer.

Mas Tod estava determinado: queria conhecer muito mais. Pressentia que eram essas as pessoas que deveriam estar em suas pinturas. Não queria mais saber de inflados celeiros vermelhos, velhas paredes de pedra ou robustos marinheiros de Nantucket. Desde a primeira vez que viu os tipos diferentes em meio à multidão, teve a certeza de que, a despeito de sua estirpe, educação ou herança, não seriam Winslow Homer ou Thomas Ryder seus mestres. Voltou-se, então, para Goya e Daumier.

Percebera isso no tempo certo. Começou a pensar, no último ano da escola de arte, que deveria desistir da pintura de uma vez por todas. Os prazeres provocados pelos problemas de composição e cor diminuíram conforme a habilidade de Tod aumentava, ao mesmo tempo que percebia estar seguindo o mesmo caminho de seus colegas estudantes, que conduzia à ilustração ou mesmo ao belo mais simplório. Quando surgiu a oportunidade de trabalho em Hollywood, ele se agarrou a ela como podia, apesar dos argumentos de seus amigos, centrados no fato de que tal oportunidade significava prostituir-se e que ele jamais pintaria novamente.

Alcançou o fim da Vine Street e foi subindo em direção a Pinyon Canyon. A noite começava a cair.

As arestas das árvores queimavam com a luz pálida e violeta, as áreas centrais passavam gradualmente de um púrpura intenso para o negro. O mesmo púrpura bruxuleava, como uma lâmpada de neon, delineando a crista dos horríveis morros corcundas que, dessa forma, estavam quase bonitos.

Mas nem mesmo a suave ressaca de luz do anoitecer conseguia salvar as casas. Apenas a dinamite, talvez, seria útil no caso das casas em estilo de ranchos mexicanos, vilas mediterrâneas, cabanas de Samoa, templos egípcios e japoneses, chalés suíços, casas de campo à moda Tudor e toda a combinação possível desses estilos que revestiam as encostas do desfiladeiro.

Ao perceber que tudo aquilo era feito de gesso, sarrafos e papel, foi mais generoso e passou a culpar a forma que esses materiais adquiriam ao serem usados. Aço, pedra e tijolos limitam a fantasia do construtor em certa medida, pois exigem a distribuição de tensões e pesos e a necessidade de manter algum equilíbrio nos cantos, mas gesso e papel não conhecem lei alguma, nem mesmo aquela que rege a gravidade.

Havia, na esquina da La Huerta Road, uma miniatura do castelo do Reno com torres de papel de piche e seteiras perfuradas para facilitar o trabalho dos arqueiros. Ali perto havia uma choupana bastante colorida com cúpulas e minaretes que parecia algo saído das *Mil e uma noites*. Mais uma vez, foi generoso. As duas construções eram cômicas, mas não provocaram riso. O desejo de surpreender cultivado em ambas parecia tão ávido e inocente.

Era difícil rir da necessidade de beleza e de romance, mesmo quando os resultados eram de mau gosto ou horríveis. Mas era fácil suspirar. A tristeza dos verdadeiros monstros é difícil de ser superada.

2.

A casa em que vivia era um local de difícil descrição chamado San Bernardino Arms. Era uma massa oblonga de três andares, com os lados e a parte traseira de estuque liso, não pintado, quebrado apenas por linhas niveladas de janelas sem adornos. A fachada era de uma cor mostarda diluída e as janelas, todas elas duplas, surgiam emolduradas por colunas mouriscas rosadas que suportavam lintéis em forma de nabo.

Já o quarto estava no terceiro andar, embora dessa vez tivesse parado no corredor do segundo para descansar. Era nesse andar intermediário que vivia Faye Greener, no 208. Quando alguém começou a gargalhar em um dos apartamentos, foi tomado por um sobressalto culpado e voltou a subir as escadas.

Ao abrir a porta, um cartão flutuou pelo chão. Em letras capitulares, podia-se ler na frente do cartão: “Abe Kusich, o honesto”. Logo abaixo, caracteres em itálico ofereciam o aval de numerosas fontes, em impressão que lembrava notícias de jornal:

“... o Lloyd’s de Hollywood” – Stanley Rose.

“A palavra de Abe é melhor que os títulos do Morgan’s” – Gail Brenshaw.

Do outro lado, uma mensagem escrita a lápis:

“Kingpin no quarto páreo, Solitair no sexto. Você pode conseguir uma bolada com esses pangarés.”

Após abrir a janela, tirou o paletó e deitou na cama. Através da abertura, era possível ver um quadrante de céu laqueado e eucaliptos pulverizados. Uma brisa suave agitava as longas e estreitas folhas das árvores, fazendo com que elas mostrassem primeiro um lado verde, depois outro prateado.

Começou a pensar em “Abe Kusich, o honesto” para não ter de pensar em Faye Greener. Sentia-se confortável assim: melhor continuar dessa forma.

Abe tinha um lugar de destaque na série de litografias de nome *Os dançarinos* na qual Tod trabalhava. Ele era um dos dançarinos. Faye Greener também era uma dançarina, enquanto o pai dela, Harry, um terceiro. Eles mudavam a cada chapa composta, mas o grupo de pessoas apreensivas que formavam a audiência permanecia o mesmo. Esses espectadores contemplavam o espetáculo da mesma forma que fariam com mascaradas na Vine Street. Era esse olhar que fazia Abe e os outros rodopiarem loucamente e saltarem no ar com a espinha retorcida como uma truta fisgada.

Apesar do sincero desprezo que sentia diante da grotesca depravação de Abe, apreciava sua companhia. O homenzinho conseguia animá-lo de uma forma que aumentava a determinação de sua necessidade de pintar.

Encontrou Abe pela primeira vez quando vivia na Ivar Street, em um hotel chamado Château Mirabella. Um outro nome para a Ivar Street era “Beco

Lysol”¹, e o tal *château* era habitado essencialmente por prostitutas, além de seus agenciadores, suas equipes de treinamento e mesmo os agentes executivos dessas garotas.

Durante as manhãs, os cômodos do hotel recendiam ao mais repulsivo dos antissépticos. Tod detestava esse odor. Além disso, o aluguel era caro, pois incluía proteção policial, um serviço para ele desnecessário. Desejava se mudar, mas a inércia e o fato de não saber para onde ir predominavam, ao menos até encontrar Abe. Esse encontro foi casual.

Estava se dirigindo para seu quarto uma noite quando viu o que imaginou ser uma pilha de roupas sujas diante do quarto vizinho. Assim que a ultrapassou, ela se moveu e fez um ruído peculiar. Tod acendeu um fósforo, imaginando que algum cão estivesse preso no meio das peças imundas. Quando a luz se espalhou, percebeu que ali havia um homenzinho.

O fósforo se apagou e ele acendeu outro o mais rápido que pôde. Era um anão enrolado em um roupão de flanela feminino. A coisa arredondada em posição mais alta era uma cabeça levemente hidrocefálica. Um ronco lento, sonoro e estrangulado emanava da criatura.

O corredor estava gelado com tantas correntes de ar. Tod, então, decidiu acordar o homem empurrando-o com o pé. Ele gemeu e abriu os olhos.

1 [N.T.] Marca de produtos de limpeza.

“Você não pode dormir aqui.”

“O cacete que não posso”, disse o anão, fechando os olhos novamente.

“Vai pegar um resfriado.”

Essa observação amigável irritou o pequeno homem ainda mais.

“Quero as minhas roupas!”, berrou.

A parte inferior da porta diante da qual se encontravam estava iluminada. Tod decidiu arriscar e bateu. Alguns segundos depois, uma mulher abriu parcialmente a porta.

“Que diabos você quer?”, ela perguntou.

“O seu amigo aqui fora...”

Não permitiu que terminasse a frase.

“Qual é!”, rosnou a mulher, batendo a porta.

“Me dá as minhas roupas, sua puta!”, berrou o anão.

Ela abriu a porta novamente e começou a lançar coisas no corredor. Um paletó, calças, uma camisa, meias e cuecas, uma gravata e um chapéu, todos seguindo certa ordem linear ao atravessar os ares, em rápida sucessão. Cada artigo era acompanhado de um xingamento todo especial. Tod assobiou impressionado.

“Essas garotas!”

“Pode apostar”, disse o anão. “É o fim da picada – todas umas putas arrombadas.”

Riu do próprio gracejo emitindo uma gargalhada bastante estridente, a marca registrada de nanismo mais clara vinda do sujeito até então. Logo lutou para ficar em pé, arranjando o volumoso roupão de

modo que pudesse andar sem correr o risco de um tropeção e eventual queda. Tod o ajudou a recolher as roupas espalhadas.

“Diga lá, cidadão”, perguntou, “posso me vestir no seu quarto?”

Tod o conduziu ao banheiro do quarto que alugava. Enquanto esperava o anão trocar de roupa, não deixava de imaginar o que teria acontecido no apartamento da mulher. Começou a se arrepender da interferência onde não era chamado. Mas, quando o anão reapareceu trajando seu chapéu, Tod sentiu certo alívio.

O pequeno homem havia se recuperado quase que completamente. Naquele ano, o chapéu tirolês era a grande sensação no Hollywood Boulevard e o anão dispunha de um espécime particularmente garboso da tal vestimenta. Tinha uma cor verde mágica e elevada copa em formato cônico. Possuía uma fivela de latão frontal, mas, com exceção desse detalhe, era quase perfeito.

O resto da vestimenta não era tão excepcional quanto o chapéu. Em vez de sapatos com biqueiras pronunciadas e acabamento em couro, vestia um terno azul trespassado, camisa preta e gravata amarela. Em vez de uma bengala rústica, uma cópia enrolada do *Daily Running Horse*.

“É isso o que você consegue quando sai por aí com uma dessas fulanas que não valem nada”, disse à guisa de cumprimento. Tod assentiu e tentou se concentrar no chapéu verde. O breve gesto de anuência, aparentemente, irritou o homenzinho.

“Nenhuma vadia consegue fazer Abe Kusich de otário e sair bem no final”, disse amargamente. “Não enquanto eu puder quebrar as pernas dela por apenas vinte *conto*. E acontece que eu tenho esses vinte.”

Pegou a grossa carteira e exibiu para Tod.

“Então ela pensa que pode me passar pra trás, né? Bom, isso é o que vamos ver...”

Tod cortou essas considerações apressadamente.

“Tá certo, sr. Kusich.”

O anão se dirigiu para onde Tod estava sentado e, por um breve instante, Tod acreditou que ele iria subir em seu colo. Contudo, o homenzinho apenas perguntou-lhe o nome e ofereceu um aperto de mão bastante poderoso.

“Deixa eu te dizer um negócio, Hackett, se você ainda não está ciente. Aquela fulana acha que me passou pra trás, mas ela vai descobrir novas ideias daqui a pouco. Agradeço sua ajuda, de qualquer forma.”

“Ah, esqueça isso.”

“Eu não esqueço nada. Eu lembro. Eu lembro dos que me sacaneiam e dos que ajudam de alguma forma.”

Franziu a testa e ficou em silêncio por um instante.

“Ouça”, disse finalmente, “eu vi o jeito como você me ajudou e tenho a obrigação de te dar uma mão. Não gosto que as pessoas saiam por aí dizendo que Abe Kusich deve alguma coisa. Assim, escuta só o que eu vou te dizer. Vou te dar uma dica muito boa para o quinto páreo em Caliente. Pode colocar seus cinco *conto* nesse cavalo. Você vai conseguir uma boa grana, uns vinte *conto*. Vai por mim.”

Tod não sabia como reagir e tal hesitação ofendeu o homenzinho.

“Acha que a dica que *tou* te oferecendo é de um pangaré de merda?”, exigiu saber com desprezo. “É isso?”

Tod caminhou até a porta, pois pretendia se livrar do sujeito.

“Não”, disse.

“Então por que não aposta, hein?”

“Qual é mesmo o nome do cavalo?”, Tod perguntou, alimentando a esperança de acalmar a visita.

O anão caminhara até a porta, arrastando o roupão de banho por uma das mangas. Com o chapéu e demais apetrechos, ficava uns 30 centímetros abaixo do cinto de Tod.

“Tragopan. Ele é garantido, um campeão com certeza. Conheço o proprietário dele, que me deu a indicação.”

“Ele é grego?”, Tod perguntou.

A ideia era ser o mais amável possível e assim ocultar a evidente tentativa de conduzir o anão até a porta.

“Isso mesmo, ele é grego. Você o conhece?”

“Não.”

“Não?”

“Não”, disse Tod categórico.

“É bom ficar esperto”, respondeu o anão com seriedade. “Tudo o que eu quero saber é como você sabe que ele é grego sem conhecê-lo.”

Os olhos do homenzinho se estreitaram, cheios de suspeita, e ele cerrou os punhos.

Tod sorriu para acalmá-lo.

“Apenas adivinhei.”

“Adivinhou?”

O anão inclinou os ombros como se fosse puxar uma arma ou preparar um soco. Tod recuou e tentou explicar.

“Imaginei que fosse grego porque Tragopan é uma palavra grega que significa faisão.”

O anão estava longe de estar satisfeito.

“Como pode saber o que significa se nem grego você é?”

“Não sou, mas conheço algumas palavras em grego.”

“Então você é um cara esperto, hein, um sabichão.”

O homúnculo deu um passo adiante, na ponta dos pés. Tod estava preparado para bloquear um eventual soco.

“Um garoto de faculdade, não é mesmo? Bom, vou te dizer uma coisa...”

Seus pés se enroscaram em um papel de embrulho e ele caiu para a frente, em cima das mãos. Esqueceu Tod para praguejar mais intensamente contra o roupão, o que o conduziu de novo ao problema com a mulher.

“Ela pensa mesmo que vai me passar pra trás.”

Começou a cutucar o peito com os dedos.

“Quem deu quarenta mangos pra ela fazer o aborto? Quem? Depois mais dez para ela ir pro interior por um tempo. Mande a fulana *prum* rancho. E quem salvou a barra dela em Santa Monica? Quem?”

“Está certo”, disse Tod, preparando-se para dar uma rápida rasteira porta afora no sujeito.

Mas não foi necessário dar uma rasteira no convidado. O homenzinho repentinamente disparou para fora do quarto e atravessou a toda pressa o corredor, arrastando o roupão de banho atrás de si.

Alguns dias depois, Tod entrou em uma papelaria para comprar uma revista. Enquanto procurava na prateleira, sentiu um puxão na parte inferior do paletó. Era Abe Kusich, o anão, de novo.

“Como vão as coisas?”, o pequeno homem quis saber.

Tod ficou surpreso ao constatar que o sujeito estava tão truculento quanto na noite em que se encontraram pela primeira vez. Mais tarde, ao conhecer melhor o anão, descobriria que a belicosidade de Abe, em geral, não passava de piada. Quando ele exibia essa truculência com os amigos, eles apenas entravam no jogo, mais ou menos como quando se brinca com um cachorrinho bravo que rosna, neutralizando ataques e depois provocando novas investidas e correrias.

“Tudo bem”, disse Tod, “mas estou pensando em me mudar.”

Gastara a maior parte do domingo procurando um novo local para viver e estava saturado desse assunto. No momento mesmo em que mencionou esse problema, contudo, sentiu que cometera um erro. Tentou encerrar o assunto dando meia-volta de fininho, mas o anão bloqueava a via de fuga. O sujeito, evidentemente, se considerava um tipo de especialista em questões de casas e mudanças. Após apresentar e descartar uma dúzia de possibilidades sem que Tod dissesse uma única palavra, mencionou finalmente o San Bernardino Arms.

“Acho que é o melhor lugar pra você, o San Berdoo. Morei por lá e conheço bem o local. O dono é um morto de fome. Vamos lá, você vai ter mais espaço.”

“Não sei, eu...”, Tod começou.

O anão interrompeu instantaneamente um possível senão dirigido à proposta, como se estivesse mortalmente ofendido.

“Suponho que não seja bom o suficiente para o seu calibre. Vou te dizer, seu...”

Tod se permitiu ouvir as provocações do anão e concordou em ser acompanhado por ele até Pinyon Canyon. Os quartos de San Berdoo eram pequenos e bem pouco limpos. Mas acabou por alugar um deles, sem hesitação, assim que avistou Faye Greener nos corredores.

O projeto gráfico deste livro faz uma referência, por meio de releituras, ao universo gráfico norte-americano dos anos 1930. Desse modo, a capa estampa o detalhe de um cartaz de 1936, desenhado por Martin Weitzman e produzido pela Works and Progress Administration (WPA). Um dos maiores projetos do New Deal, a WPA foi um esforço norte-americano para empregar artistas, escritores, músicos e diretores que sofriam com o desemprego que assolou os Estados Unidos nos anos da Grande Depressão. O cartaz, peça de utilidade pública, promovia, por meio de uma imagem incisiva, o uso de materiais não inflamáveis nos forros das edificações americanas. ¶ Já no miolo, as referências aos anos 1930 são tipográficas. A Circular, fonte desenhada por Laurenz Brunner e lançada em 2013 pela Lineto, é o tipo sem serifa que vemos nos títulos e números de página desta publicação. Seu desenho, de inspiração geométrica, a aproxima do universo art-déco – escola que pautou boa parte dos cartazes de cinema e teatro norte-americanos desse período. O texto corrido segue na Sentinel, família serifada projetada em 2009 pelos tipógrafos Jonathan Hoefler e Tobias Frere-Jones. Suas formas prestam homenagem às famílias egípcias, ou de serifas grossas (*slab-serif*), muito utilizadas na imprensa americana dos tempos de Nathanael West. ¶ Este livro foi impresso em papel Pólen Bold 90 g/m² pela Stilgraf, em São Paulo, em julho de 2015.

Este exemplar é o de número

de uma tiragem de 1.000 cópias

ISBN 978-85-69002-04-8

